

Texto apresentado e publicado nos Anais do Congresso da ABRACE, São Paulo, 2010.

**Poéticas da subversão:
performances do coletivo Heróis do Cotidiano**

Neste artigo, pretendo adentrar o campo do que Nicolas Bourriaud chama de "Estética Relacional", em que a inter-subjetividade constitui o próprio meio e campo da arte, investigando o tipo de relação subversiva que pode ser estabelecida pela performance na invenção de novas subjetividades nos dias de hoje. Para pensar sobre este assunto, gostaria de partir do trabalho de pesquisa realizado pelo Coletivo de Performance "Heróis do Cotidiano", sediado na praça pública São Salvador (Flamengo), no Rio de Janeiro, partindo das "situações de convivência" (Tiravanija) propostas pelo Coletivo.

O Coletivo "Heróis do Cotidiano", composto por cinco performers/atores, vinculados à UNIRIO (Jarbas Albuquerque, Larissa Siqueira, Marcio Vito e eu mesma) e à UFRJ (Gilson Moraes Motta), vem realizando, desde julho de 2009, intervenções urbanas e performances acerca do tema do herói. Em novembro de 2009, o Coletivo ganhou o Prêmio da Funarte "Artes Cênicas nas Ruas". Nas suas origens, o Coletivo surgiu a partir de uma vontade coletiva de realizar uma pesquisa que tivesse por questionamento central a figura do herói na Contemporaneidade a partir da idéia de sacrifício, contida no mito de Ifigênia. O que é ou ainda é um herói na Pós-Modernidade, após o esgotamento e a queda das "Meta-Narrativas" (Lyotard) coletivas?¹ Desde o início da pesquisa, percebemos que a idéia de Herói no senso comum é construída por discursos da mídia, governada pelo discurso empresarial. Esses sistemas de massificação do pensamento produzem subjetividades que parecem excluir a invenção de novas possibilidades de vida e de percepção. E nesse sentido que Guattari evoca os necessários processos de "reciclagem eco-mental", que podem conduzir a uma possível liberação pela re-territorialização de afetos e forças. Para Guattari, o conjunto de relações entre o indivíduo e os vetores de subjetivação precisa ser

¹ LYOTARD, Jean-François. **La Condition Postmoderne**. Paris: Editions de Minuit, 1979.

redefinido. Como a figura do Herói consegue questionar estes processos? Para tentar encontrar uma resposta a essa pergunta, elaborei, na UNIRIO um projeto de pesquisa, intitulado “Herói e sacrifício da Grécia Antiga até a Contemporaneidade: performance e dramaturgia a partir do mito de Ifigênia”. Neste projeto, constituiu-se a Liga de Heróis do Cotidiano (HC), composta por pesquisadores/performers, e elaborou-se uma estratégia de investigação, que compreende várias etapas de ação e investigação, que seguem a linha do ativismo poético.

Neste plano de ação, a primeira série de intervenções consistiu em realizar pequenas ações de ajuda em espaços públicos. A Liga de Heróis chegava nos espaços, propondo ajuda aos transeuntes, trazendo a figura do herói para o espaço cotidiano: carregar compras, ceder lugar no ônibus, distribuir panfletos e fazer massagens nos vendedores ambulantes, abraçar e escutar pessoas carentes, etc. Rapidamente, percebeu-se que a questão do herói constitui um poderoso fermento para pensar a Contemporaneidade, porque ela expõe questões que fazem eco com as mais relevantes problemáticas atuais. Sabemos que no contexto do “globalitarismo” atual, mais ainda aqui, na América Latina, dominada pelas estruturas da economia neo-liberal imposta pelas grandes corporações internacionais, é exigido um perpétuo sacrifício das vidas particulares em prol da produtividade econômica. Percebemos então que, mais do que a encarnação de um modelo “molar” (Deleuze) dominante, onde o herói representaria uma confluência das forças produtivistas, o herói pode ser uma construção que opera por linhas de fuga, pela criação de estruturas moleculares, re-territorializando os próprios conceitos ligados ao ser-herói. Neste sentido, ele é um “captador de forças e afetos”, que ele canaliza e reorganiza dentro do fluxo urbano. Sabemos que hoje em dia, denominam-se “heróis do cotidiano” todas as pessoas que lutam contra preconceitos, que passam por dificuldades econômicas e que sobrevivem à custa de grandes precariedades, sacrificando seus sonhos e suas individualidades para realizar um determinado projeto com esforço e sacrifício – contribuindo ao politicamente tão prático e inofensivo mito do “brasileiro que não se revolta e é sempre simpático”; este mesmo que, esmagado pelas injustiças sociais, fica esperando secretamente um “deus ex-maquina”: um

ganho na mega-sena, uma igreja para o salvar, prometendo-lhe um futuro melhor. E nessa brecha aberta por estas terríveis "máquinas de guerra" (Guattari) produtoras de subjetividades economicamente controláveis que avança, pisando em territórios não ainda explorados, velado, mascarado, o artista-performer, operando sentidos novos, infiltrando brechas, desarticulando pensamentos.

Durante as performances, nos surpreendemos com a facilidade com a qual os transeuntes aceitavam ajuda, relatando suas dificuldades para os heróis, acolhendo calorosamente a Liga, mesmo em um contexto de violência extrema que é o Rio de Janeiro, onde, em um contexto de "cultura do medo" (Marc Crépon)², qualquer disfarce poderia conduzir a uma desconfiança inicial e a um afastamento amedrontado. Além desta surpresa, fomos impressionados pela receptividade dos transeuntes; receptividade esta que evidencia uma crise de valores, visto que aquelas condutas que deveriam ser qualificadas simplesmente como normais (como a solidariedade, o esforço e a disciplina, a abordagem criativa, o engajamento e o comprometimento), passam a ser vistas como ações extra-ordinárias e heróicas, provocando admiração por parte da população. Reencontramos a idéia do isolamento e da progressiva atomização das relações em maior parte das pesquisas sociológicas a respeito da Pós-Modernidade, como, por exemplo, em *L'ère du vide – essais sur l'individualisme contemporain*³ (Gilles Lipovestky), *Le principe d'humanité*⁴ (Jean Guillebaud) ou ainda em *Amor líquido* (Bauman)⁵, que todas evidenciam o progressivo esvaziamento das relações humanas na Contemporaneidade.

A partir desta primeira experiência, e movidos por estes questionamentos, sentimos necessidade de investigar e escutar o que as pessoas entendiam por "herói". Elaboramos então um questionário, com a finalidade seria entender o que tal idéia evoca no imaginário coletivo e, aproveitando a

² CREPON, Marc. **La Culture de la peur – démocratie, identité, sécurité**. Paris: Galilée, 2008.

³ LIPOVETSKY, Gilles. **L'ère du vide – essais sur l'individualisme contemporain**. Paris: Gallimard, 1983.

⁴ GUILLEBAUD, Jean. **Le principe d'humanité**. Paris: Seuil, 2001.

⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

oportunidade, medir o grau de heroísmo da população carioca e realizar uma comparação entre bairros. Partimos com uma câmera na mão, gravadores e questionários debaixo do braço para entrevistar as pessoas. Analisando as entrevistas, percebemos a discrepância entre o discurso da mídia e o discurso das pessoas entrevistados pela Liga de Heróis do Cotidiano. De uma forma geral, percebe-se que a mídia estimula as formas de reconhecimento do esforço pessoal como meio de ascensão social; os grupos empresariais valorizam a intensa produtividade como atitude heróica; é realizado um constante incentivo às ações solidárias e o estímulo à criatividade enquanto modos de superação das dificuldades do cotidiano, ultimamente mais ainda reunidas pelo *leitmotiv* politicamente correto de “sustentabilidade” e “ação social”. Assim, o discurso inicial de superação do herói é recuperado por empresas que estipulam que ser herói é se adequar ao profissional que segue o *american way of life* e sobe na escada da ascensão social. Além disso, a literatura de auto-ajuda também se apropriou do tema, reforçando esta ideologia neoliberal. É considerado herói pela coletividade quem se sacrifica em prol da produtividade, como o mostra por exemplo de forma irônica o trabalho de Dulce Pinzon no projeto “Superheroes” que fotografa imigrantes mexicanos nos Estados-Unidos com roupas de Super-heróis⁶. Sacrificando vida e tempo para poder enviar dinheiro à suas famílias, os heróis são estes que sacrificam suas vidas em prol de valores que não escolheram. Desta forma, 80% dos entrevistados se consideravam verdadeiros heróis do cotidiano, integrando e assimilando este discurso da mídia.

Retomando agora um pouco de distância em relação a estas experiências, gostaria aqui de ressaltar que a arte, certamente, constitui um dos últimos bastiões de resistência ao pensamento dominante veiculado pela *mass mídia*. E isto, mais ainda quando pensamos em um país que transforma diariamente a cultura em objeto de consumo e de diversão, seja pela construção sempre mais freqüente de teatros em shoppings, seja pelo sistema de patrocínio de empresas, necessário à realização de um projeto artístico, e que tende a patrocinar “o que vai dar certo”, sabendo que “certo” pode aqui ser substituído por “dinheiro”. A

⁶ Cf. o site de Dulce Pinzon: <http://www.dulcepinzon.com/superheroes.htm>. Último acesso: 07/08/2009.

própria figura do herói foi submetida a este pensamento globalizante. Isso é visível nos mais diversificados meios de comunicação, onde o herói está presente de maneira crescente no cinema, em obras literárias, em sites da Internet, em desfiles de moda e no Carnaval⁷, em campanhas publicitárias governamentais e em empresas privadas. O tema do herói está diretamente relacionado à cultura de massa, na medida em que ele remete ao universo das histórias em quadrinhos, do cinema e da televisão, meios estes onde ele representa um ser dotado de poderes especiais, capaz de resolver grandes problemas da sociedade. Destaca-se neste sentido um movimento norte-americano intitulado “Real Life Super Heroes”, que reúne várias pessoas pelo mundo, que se vestem de Superheróis e intervêm na sociedade realizando ações de ativismo ecológico, cultural, social ou lutam contra a criminalidade em seus bairros de residência. O tema do herói constitui então um forte apelo no imaginário da sociedade, propiciando relações de identificação imediata, facilitando processos interativos, estabelecendo relações no contexto do que Nicolas Bourriaud⁸ chama de “estética relacional”, proposta pela arte contemporânea.

Esta constatação foi o ponto de partida para a elaboração da terceira série de ações dos Heróis, que consiste na atualização do questionamento do herói diante de heróis consagrados pela História do Brasil. Para atualizar este questionamento de forma contundente, a Liga resolveu se infiltrar na Parada Militar do 7 de setembro do ano de 2009. Vestidos com seus figurinos habituais (cf. fotografias), os integrantes da Liga se infiltraram no meio do desfile militar – ação curta, esta, porque os policiais intervieram com rapidez para tirá-los de lá, e os heróis desfilaram então de volta, em sentido invertido, sob os aplausos da população, que se misturavam ao discurso oficial transmitido via alto-falante e que celebrava os “heróis da pátria”, versus os “heróis do cotidiano”, estes celebrados pela população, que se identificava a eles. A partir do apelo e eco importante desta intervenção, começamos a desenvolver o trabalho em cima de estátuas de heróis nacionais e internacionais - entrando neste campo definido

⁷ O desfile de 2010 da Escola de Samba Unidos da Tijuca, organizado por Paulo Barros, contava com a presença de Super-heróis no desfile.

⁸ BOURRIAUD, Nicolas. **Esthétique relationnelle**. Dijon: Les Presses du réel, 1998.

por Paul Ardenne de “arte contextual”⁹ - partindo para a rua com baldes, escovas e detergente para dar uma faxina nos heróis da pátria, limpando, de alguma forma, suas imagens e tornando-os visíveis, fazendo-os aparecer, já que, na maior parte das vezes, a população ignora quem é o herói da própria praça onde mora e onde a estátua serve simplesmente de suporte para pombos sem árvores para se pousar. Percebemos que há, por trás do herói, uma negociação política, que faz o herói aceder ou não ao “Panteão do Herói Nacional”, ou ter acesso a praças, nomes de ruas ou estações de metrô. Em outras palavras: dinheiro compra a imortalidade, e é a atualização deste debate que as intervenções sobre as estátuas podem gerar.

Concluindo, percebemos que o propósito central das ações performáticas programadas consiste, de um lado, em questionar esse ideal de heroísmo que vem sendo divulgado pelos meios de comunicação e, de outro, buscar reconhecer aquelas que, na opinião de uma parcela da população, seriam as ações autenticamente heróicas na atualidade. Desta forma, ações performáticas atualizam o questionamento sobre o herói na Contemporaneidade. Atualmente, estamos realizando um documentário fictício sobre a Liga de Heróis do Cotidiano, evidenciando a construção que há por trás de toda identidade e que permeia nossa “sociedade do espetáculo” (Debord)¹⁰. Se o herói é uma construção, que outras formas de construção seriam possíveis? Talvez haja neste questionamento, embrionário, um pensar e um fazer ligado a uma forma de subversão – talvez.

⁹ ARDENNE, Paul. **Un art contextuel - Création artistique en milieu urbain, en situation d'intervention, de participation**. Paris: Flammarion, 2004.

¹⁰ DEBORD, Guy. **La société du spectacle**. Folio Essais, 1967.